

As Ciências da Vida Frente ao **Contexto Contemporâneo**

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2019



Denise Pereira
(Organizadora)

As Ciências da Vida Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 As ciências da vida frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (As Ciências da Vida Frente ao Contexto Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-230-2

DOI 10.22533/at.ed.302190204

1. Ciência. 2. Ciências da vida – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 570.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Falar de ciências no contexto contemporâneo, é questionar vários princípios e propostas, é deixar de lado o “paradigma dominante” que é o modelo de ciência do passado, caracterizado pela luta apaixonada contra todas as formas de dogmatismo e autoridade. É observar e analisar a necessidade do homem de uma compreensão mais aprofundada do mundo, bem como a necessidade de precisão para a troca de informações, que acabam levando à elaboração de sistemas mais estruturados de organização dos diversos tipos de conhecimentos.

Aqui se observa a ciência da vida como forma de conhecimento que é compreendida num sentido mais específico, com aprimoramento do estudo acadêmico, refletido a teoria e prática das áreas da saúde em geral.

Neste compilado de conhecimentos, foram realizados e definidos de maneiras diferentes pelos diversos autores que se lançam a tarefa de refletir sobre a “As ciências da Vida frente ao Contexto Contemporâneo”, algumas definições são bastante semelhantes, outras levantam algumas diferenças. .

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA MONITORIA ACADÊMICA	
Tamara Braga Sales Francisco Antonio Carneiro Araújo Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque Francisca Alanny Araújo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.3021902041	
CAPÍTULO 2	7
A MONITORIA EM FORMA DE GRUPOS DE ESTUDOS DIRIGIDOS: UM ENSAIO PARA A DOCÊNCIA	
Gabriel de Castro Castelo Amanda Lopes de Castro Maria Goretti Policarpo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.3021902042	
CAPÍTULO 3	11
ABORDAGEM CENTRADA NO ALUNO: A EMPATIA E A ACEITAÇÃO ENQUANTO FERRAMENTAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Iuri Araújo Pimentel Liliane Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.3021902043	
CAPÍTULO 4	17
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR OFERECIDA AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DO ESTADO DO CEARÁ: AVALIAÇÃO DE MICRONUTRIENTES	
Daniele de Araújo Oliveira Carlos Lisidna Almeida Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.3021902044	
CAPÍTULO 5	23
ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO DE BULLYING ENTRE MENINOS E MENINAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE FORTALEZA	
Lara Ximenes Barreto Mayara Custódio Pereira Luana Freitas Pinto Luana Elayne Cunha de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3021902045	
CAPÍTULO 6	31
ATIVIDADE FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA: CAMPO DE AÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE	
Marcos Kayro Lopes Pontes Eduardo de Lima Melo Valmir Arruda de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.3021902046	

CAPÍTULO 7	42
AVALIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO ESTUDANTE DE MEDICINA NA MONITORIA DO MÓDULO DE MECANISMOS DE AGRESSÃO E DEFESA	
Yuri Torres Guimarães Maria Clara Machado Borges Kaynan Bezerra de Lima Adriane Macêdo Feitosa Emanuelly Thays Muniz Figueiredo Silva Sílvia Fernandes Ribeiro da Silva Márcio Roberto Pinho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.3021902047	
CAPÍTULO 8	49
CONTRIBUIÇÃO DA MONITORIA DE QUÍMICA DOS ALIMENTOS PARA O APRENDIZADO DA DISCIPLINA	
Danilo Silva Alves Brenda da Silva Bernardino Bruna Rodrigues de Araújo Marques Raquel Sombra Basílio de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3021902048	
CAPÍTULO 9	54
CONTRIBUIÇÃO DA MONITORIA PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DO MONITOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Raquel Teixeira Vasconcelos Paulo Ayslen Nascimento de Macêdo	
DOI 10.22533/at.ed.3021902049	
CAPÍTULO 10	58
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR EM FARMÁCIA HOSPITALAR	
Arlandia Cristina Lima Nobre de Moraes Geysa Aguiar Romeu Regina Cláudia de Matos Dourado Sandra Maria Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.30219020410	
CAPÍTULO 11	65
DESENVOLVIMENTO DE PALAVRAS-CRUZADAS COMO METODOLOGIA LÚDICA DE ENSINO DA FARMACOLOGIA	
Renan Pereira de Lima Inara Loiola de Araújo Arlandia Cristina Lima Nobre de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.30219020411	
CAPÍTULO 12	71
DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM COM MAIOR PREVALÊNCIA EM PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	
Eglantine de Fatima Bandeira Feitosa Deborah Lyssa Sousa de Oliveira Kiarelle Lourenço Penaforte	
DOI 10.22533/at.ed.30219020412	

CAPÍTULO 13 78

IMPORTÂNCIA DA MONITORIA DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA COMO INSTRUMENTO FAVORECEDOR DA DISCIPLINA

Bruna Rodrigues de Araújo Marques
Brenda da Silva Bernardino
Danilo Silva Alves
Larissa Moraes Ribeiro da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30219020413

CAPÍTULO 14 84

INTERESSE DOS ALUNOS DO CURSO DE NUTRIÇÃO PELO PROGRAMA DE MONITORIA

Tatyane Costa Lima
Carolinne Reinaldo Pontes

DOI 10.22533/at.ed.30219020414

CAPÍTULO 15 90

INTERVENÇÃO DA MONITORIA NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS ALUNOS

Tainá Bezerra Rodrigues
Ralciney Márcio Carvalho Barbosa
Monica Helena Neves Pereira Pinheiro
Diane Nocrato Esmeraldo Rebouças

DOI 10.22533/at.ed.30219020415

CAPÍTULO 16 97

MONITORIA NA MÍDIA: O VÍDEO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Francisca Samila Mendes Carvalho
Maria Gabriella Gomes de Abreu Azevedo
Gabriela Souza Veloso Vitoriano
Chrystiane Maria Veras Porto
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.30219020416

CAPÍTULO 17 105

O “NIVELAMENTO” NA EDUCAÇÃO MÉDICA: ENSINANDO E APRENDENDO IMUNOLOGIA DE MANEIRA INOVADORA

Daniel Araújo Kramer de Mesquita
Sônia Leite da Silva
Silvia Fernandes Ribeiro da Silva
Maria Clara Machado Borges
Márcio Roberto Pinho Pereira

DOI 10.22533/at.ed.30219020417

CAPÍTULO 18 112

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO PRIMEIRO E OITAVO SEMESTRES SOBRE O APRENDIZADO BASEADO EM PROBLEMAS E O GRUPO TUTORIAL

Adriane Macêdo Feitosa
Emanuelly Thays Muniz Figueiredo Silva
Rejane Brasil Sá
Rivianny Arrais Nobre

Sônia Leite da Silva
Silvia Fernandes Ribeiro da Silva
DOI 10.22533/at.ed.30219020418

CAPÍTULO 19 118

POTENCIALIDADES DO VÍNCULO MONITOR-ALUNO NO APOIO PEDAGÓGICO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jamile Carvalho Tahim
Hermens Linhares Martins
Sherida da Silva Neves
Virginia Maria Costa de Oliveira Guerra

DOI 10.22533/at.ed.30219020419

CAPÍTULO 20 123

PRÁTICAS EDUCACIONAIS ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rita de Cássia Ponte Prado
Marlla Rúbya Ferreira Paiva Passos
Morgana Magalhães da Penha

DOI 10.22533/at.ed.30219020420

CAPÍTULO 21 131

“O QUE VEMOS, NÃO É O QUE VEMOS, SENÃO O QUE SOMOS”: O DESVELAMENTO DE SI NO CONCEITO DE CONFISSÃO EM MICHEL FOUCAULT

Allan Ratts de Sousa
Ruth Arielle Nascimento Viana
Larissa Arruda Aguiar Alverne

DOI 10.22533/at.ed.30219020421

CAPÍTULO 22 137

O SER-PARA-OUTRO NA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE

Marcela Romero de Souza
Georges Daniel Janja Bloc Boris

DOI 10.22533/at.ed.30219020422

CAPÍTULO 23 144

CASOS CLÍNICOS COMO FERRAMENTA PARA APRENDIZAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Diane Sousa Sales
Fernanda Rochelly do Nascimento Mota
Glória Yanne Martins de Oliveira
Rodrigo Jacob Moreira de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.30219020423

SOBRE A ORGANIZADORA 150

ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO DE BULLYING ENTRE MENINOS E MENINAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE FORTALEZA

Lara Ximenes Barreto

Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza – Ceará.

Mayara Custódio Pereira

Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza – Ceará.

Luana Freitas Pinto

Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza – Ceará.

Luana Elayne Cunha de Souza

Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza – Ceará.

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal analisar a prevalência de vitimização de bullying entre meninos e meninas. Assim, para alcançar este objetivo, realizou-se uma pesquisa em uma escola pública da cidade de Fortaleza. Participaram 219 adolescentes com idades entre 11 e 19 anos ($M = 13,37$; $DP = 1,55$), cursando entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental. Estes responderam um inquérito epidemiológico, além de perguntas de caráter sociodemográfico. Os resultados encontrados mostram que a prevalência de bullying identificada no estudo foi de 16,7% (se somado as categorias: grande parte do tempo e sempre), sendo mais frequente no sexo feminino. Dentre as causas/motivos do bullying, a maior frequência de vitimização foi

relacionada à aparência do corpo (29,6%), seguida da aparência do rosto (23,1%), raça/cor (11,3%), a alternativa “outras opções” apareceu com 54,6%. Em seguida, foram os jovens questionados através de uma pergunta aberta, quais seriam esses “outros motivos”. As respostas dos jovens foram analisadas através de uma análise de conteúdo. Os resultados obtidos são semelhantes aos encontrados em outros contextos socioculturais. Espera-se que o presente artigo possa contribuir para o entendimento da violência escolar e da exclusão social dos jovens, de modo a pensar em estratégias de intervenção ou políticas educacionais que combatam esse fenômeno.

PALAVRA-CHAVE: Bullying. Vitimização. Escola.

ABSTRACT: The main objective of this article is to analyze the prevalence of bullying victimization among boys and girls. Thus, to reach this objective, a research was carried out in a public school in the city of Fortaleza. A total of 219 teenagers between the ages of 11 and 19 ($M = 13.37$, $SD = 1.55$) were enrolled in the 6th to 9th grade. These answered an epidemiological inquiry, as well as sociodemographic questions. The results show that the prevalence of bullying identified in the study was 16.7% (if we added the categories: most of the time and always),

being more frequent in the female sex. Among the causes/reasons for bullying, the highest frequency of victimization was related to body appearance (29.6%), followed by face appearance (23.1%), race/color (11.3%), “Other options” appeared with 54.6%. Then it was the young people questioned through an open question, what would be these “other reasons”. The teenager’s responses were analyzed through a content analysis. The results obtained are similar to those found in other sociocultural contexts. It is hoped that this article can contribute to the understanding of school violence and social exclusion of young people, in order to think about intervention strategies or educational policies that combat this phenomenon.

KEYWORDS: Bullying. Victimization. School.

1 | INTRODUÇÃO

O bullying é um termo inglês que para definir uma série de comportamentos agressivos, psicológicos ou físicos, como bater, empurrar, xingar, discriminar e excluir (JONAS et.al., 2014). Segundo Catine (2004), tal fenômeno é tão antigo quanto a própria instituição Escola, existindo estudos datados na Inglaterra do século XIX. Segundo esta autora, até a década de 1980, tal fenômeno era tido como brincadeiras do processo de aprendizado e por isso não se dava atenção. Na atualidade, tais “brincadeiras” foram denominadas como bullying e têm sido conceituadas como um tipo de comportamento agressivo que tem como características principais o desequilíbrio de poder, a repetição, o caráter intencional, o fato de não apresentar um motivo aparente, sendo praticado por um ou mais agressores com o objetivo de amedrontar, causar dor e sofrimento (OLWEUS, 2013).

Segundo Bandeira e Hutz (2010), o bullying vem sendo classificado em diferentes tipos e formas. Dentre os tipos encontra-se o físico (exemplo, chutes, socos, empurrões, roubos), o verbal (exemplo, apelidar e xingar), o relacional (exemplo, ignorar e excluir de grupos sociais) e o eletrônico ou cyberbullying (ocorre em formas de e-mail, mensagens instantâneas, imagens via celular, redes sociais, entre outros) (JONAS et.al. 2014). Segundo estes mesmos autores, outra forma de classificar o bullying é fazer a distinção entre indiretos e direto. Para Olweus (1993) e Bandeira e Hutz (2010), na forma direta, a vítima vê e sabe quem é o bully, e a forma indireta ocorre por meio de exclusões intencionais ou isolamento social (fofocas e boatos) e, neste caso, a vítima não sabe quem é o agressor.

No cenário do bullying podem ser identificados quatro papéis: 1) o agressor (bully) – autor das agressões; 2) a vítima – aquela que é agredida; 3) as testemunhas – espectadores, que fazem ou não algo para ajudar; e 4) a vítima/agressor – alvo de agressões e que também agride outras vítimas (BANDEIRA, HUTZ, 2010).

Existem alguns autores que citam teorias sobre as possíveis causas do bullying. Para Lopes Neto (2005), as possíveis causas são as econômicas, sociais e culturais; segundo Pereira e Estrela (2002), as causas são a cópia de comportamentos dos

modelos familiares e sociais, e a falta de propagandas que incentivem os valores morais. Antunes (2008) acredita que seja a violência intrafamiliar. Olweus (1993) afirma que a agressão acontece mais por ser algo indispensável para o bully em buscar diferenças no outro, do que por elas mesmas, visto que, todas as pessoas possuem algum aspecto distinto do padrão cultural estabelecido em uma determinada sociedade.

Barreto (2017) defende a ideia de que há uma questão macrossocial que influencia neste processo. Segundo a autora, as normas e padrões impostos pela sociedade sobre o ideal de corpo, cabelo, cor de pele, situação socioeconômica, dentre outros, facilita a criação de ideologias que sustentam a não aceitação das diferenças entre os indivíduos. Estas ideologias estão na base dos preconceitos que são compartilhados pela sociedade e que, por sua vez, também reverberam no contexto escolar.

Em um estudo longitudinal nos Estados Unidos, evidências empíricas do aumento de bullying escolar a partir da segunda metade dos anos 2000, foram apresentadas com uma taxa de prevalência de 25,8% em 2009 (FU, LAND, LAMB, 2013). Tal estudo mostrou que o bullying era mais comum e violento entre os meninos, entre os negros, interioranos, de famílias monoparentais, com baixo rendimento escolar e pouca religiosidade.

Em um estudo que foi realizado na Suécia, com prevalência de vítimas e agressores de 44%, mostrou que os adolescentes tentam explicar o bullying através de razões individuais em detrimento de outras dimensões, como as questões sociais ou o contexto escolar (THORNBERG, KNUTSEN, 2011). Foi revelado também nesse estudo que os agressores culpavam as vítimas pela violência praticada.

Atualmente se observa um aumento no número de denúncias do bullying em escolas brasileiras. A PeNSE (2012), realizou uma pesquisa nacional sobre a prevalência do bullying. Dentre os que souberam responder o motivo/causa do bullying, as principais respostas foram: aparência do corpo (18,6%), aparência do rosto (16,2%), raça ou cor (6,8%), orientação sexual (2,9%), religião (2,5%) e região de origem (1,7%). Uma parte dos estudantes entrevistados (51,2%) não identificaram as causas do bullying (OLIVEIRA et.al., 2015).

2 | METODOLOGIA

Participaram da pesquisa 219 estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Fortaleza, com idades variando entre 11 e 19 anos ($M = 13,37$; $DP = 1,51$), sendo a maioria do sexo masculino (57,1%) e que se descrevem de religião evangélica (45%) e católica (30,7%).

Foi aplicado um inquérito epidemiológico baseado no estudo da PeNSE (2012), que foi dividido em 3 etapas. Primeira etapa pergunta-se a frequência do bullying

(usando um sinônimo e não a palavra bullying) que o aluno sofreu nos últimos 30 dias. Segunda etapa pergunta-se o(s) motivo(s) assinalando entre 7 itens: a minha cor ou raça; a minha religião; a aparência do meu rosto; a aparência do meu corpo; a minha orientação sexual; a minha região de origem; outros motivos/causas. E por fim a pergunta aberta: “Quais são esses outros motivos/causas?”; e o questionário sociodemográfico, que foram abordadas questões relativas ao sexo, idade, escolaridade, religião, classe social, cor da pele e bairro onde mora.

O primeiro convite foi realizado para a coordenação da escola. Em seguida, foi enviado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para os pais ou responsáveis. A coleta de dados foi realizada em sala de aula. Foi esclarecido que a participação era voluntária e que seria garantido o sigilo e anonimato de suas respostas, segundo recomenda a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

As respostas dos participantes foram inseridas no software SPSS. Foram realizadas análises de frequência, medidas de tendência central e dispersão. Além disso, foram realizados testes t de *Student* para comparar os índices de bullying entre meninos e meninas.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente buscou-se analisar a ocorrência de vítimas na amostra pesquisada e quais os principais motivos que eles identificaram para serem alvos de tais comportamentos. Foi perguntado aos estudantes: “nos últimos 30 dias, com que frequência eles foram alvos de bullying” (sinônimos foram utilizados no lugar da palavra bullying), os resultados mostram que, se somados os percentuais de quem já sofreu bullying grande parte do tempo (7,8%) e sempre (8,9%), podemos considerar que 16,7% sofrem bullying na escola. Esses resultados podem ser observados na Figura 1.

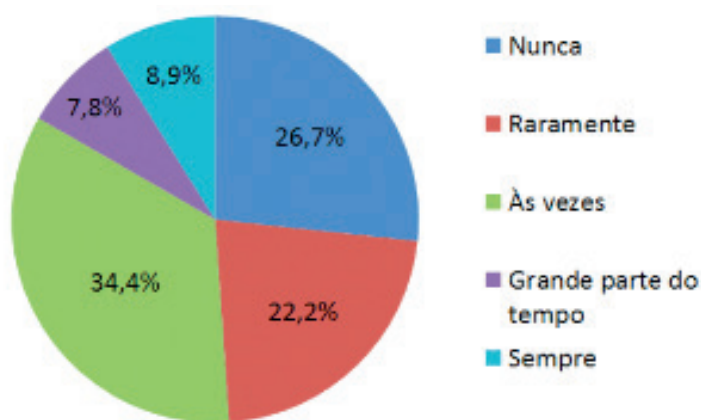


Figura 1. Frequência de ocorrência do bullying entre os alunos

Em seguida, foram analisadas as respostas para a mesma questão anteriormente descrita, desta vez comparando as respostas entre meninos e meninas. Tais resultados

são apresentados na Figura 2. Em quase todas as categorias, as meninas relatam sofrer mais bullying do que os meninos. Somente a categoria “raramente” os meninos se sobressaem sobre as meninas. Tais resultados mostram que, em geral, as meninas sofrem mais bullying do que os meninos, diferentemente da pesquisa de Oliveira et.al. (2015) e Santos, Cabral-Xavier, Paiva e Leite-Cavalcanti (2014), por exemplo, que mostram que os meninos sofrem mais bullying que as meninas.

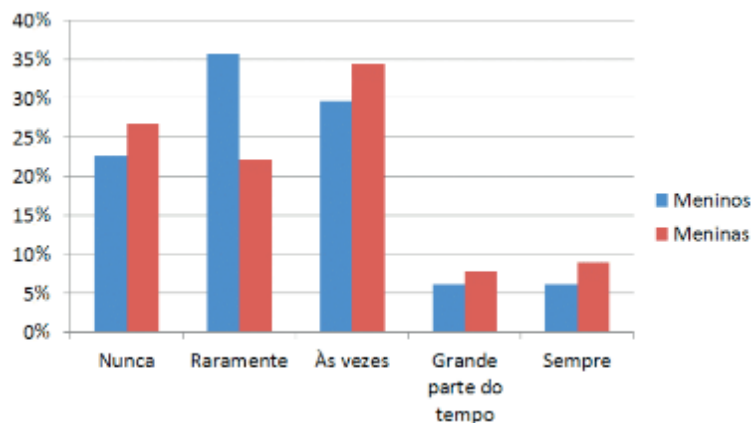


Figura 2. Frequência de ocorrência do bullying entre meninos e meninas

Depois foram analisadas as respostas para a pergunta referente ao motivo do bullying. A maioria das respostas (29,6%) apontou que o motivo seria a aparência do corpo, 23,1% responderam aparência do rosto, 11,3% responderam cor, 9,7% responderam religião, 5,4% responderam orientação sexual, 4,3% responderam região de origem, corroborando com a pesquisa de Oliveira et.al. (2015), que também afirma que o motivo mais citado entre os alunos para serem vítimas de bullying é a aparência do corpo (18,6%), seguido de aparência do rosto (16,2%) e seguido por cor/raça (6,8%), e em 16,7% da amostra não foram identificados as causas do bullying.

Mais da metade da amostra (54,6%) respondeu a opção outros motivos (cabe salientar que os participantes podiam assinalar mais de uma opção). Neste sentido, mostra-se relevante buscar identificar quais seriam esses outros motivos para quem assinalou essa opção. Assim, foram analisadas as respostas dos participantes à pergunta aberta “quais são esses outros motivos/causas?”. A partir das respostas obtidas, realizou-se uma análise de conteúdo. De modo mais específico, as respostas foram divididas em 16 categorias de acordo com a fala dos jovens.

Entre elas estão: jeito de ser com 26 respostas (exemplo, “o jeito como ando”), cabelo com 16 (exemplo, “sempre peço minha mãe para alisar meu cabelo”), aparência do rosto com 15 (exemplo, “meu olho e meu dente”), aparência do corpo com 14 (exemplo, “esqueleto vivo, vassoura”), apelidos com 13 (exemplo, “apelidam os outros na escola”), altura com 6 (exemplo, “porque sou baixa”), vestimenta com 6 (exemplo, “calça, sapatos”), fofoca com 5 (exemplo, “falou de mim pelas costas e brigou”), fala com 4 (exemplo, “fala e a voz”), gostos pessoais com 4 (exemplo, “o time que torço”), outras com 4 (exemplo, “porque sou velho”), cor da pele com 3 (exemplo, “nariz de

batata, macaco”), religião com 3 (exemplo, “porque sou evangélica”), não sabe/não pode dizer com 2 (exemplo, “eu também não sei”), região de origem com 1 (exemplo, “é porque eles me chamam de menina do interior mas eu vim de São Paulo”) e orientação sexual com 1 (exemplo, “falam de mim é que sou sapatão”).

Tais categorias podem ser observadas na Figura 3. Em síntese, a partir dessa figura pode-se observar que a categoria *jeito de ser* é a que mais aparece como motivo de bullying, seguida por *cabelo*, *aparência do rosto*, *aparência do corpo* e *apelidos*.

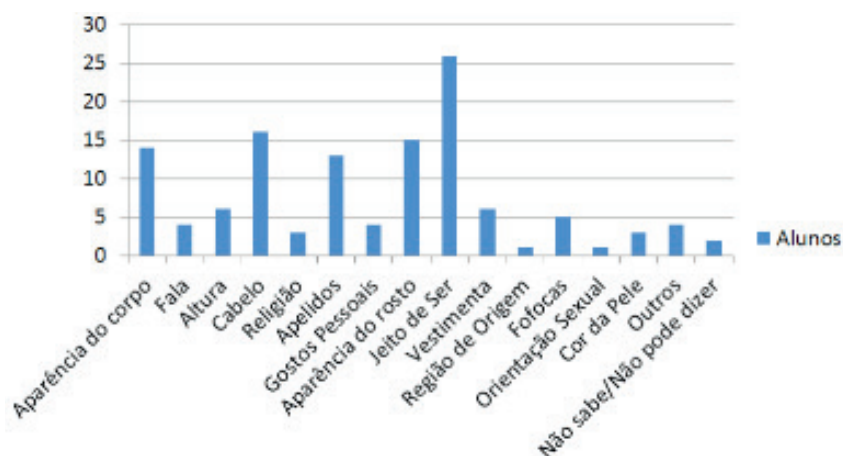


Figura 3. Frequência de ocorrência dos outros motivos apontados para o bullying

Ao analisarmos os motivos através da fala dos próprios adolescentes, podemos perceber a existência de um preconceito velado, a exemplo disso podemos citar o discurso de um dos alunos quando fala que se sente intimidado por causa do seu jeito de ser, a forma como ele anda. Se pararmos para pensar sobre isso, podemos pensar que esse jovem possivelmente anda de uma forma afeminada e que chama atenção de seus colegas, por exemplo. É possível que este garoto seja intimidado pela sua sexualidade, mas uma vez percebemos uma forma velada de preconceito.

Outro exemplo que podemos citar através do discurso de outra adolescente é quando ela fala que sempre pede para a mãe alisar seus cabelos para que os colegas não impliquem com ela, algo que já ocorreu antes (negros possuem o cabelo crespo, existe a possibilidade de ser racismo de forma velada, que nem mesmo o alvo entende o real motivo de se tornar vítima). Podemos perceber através das falas dos próprios alunos que elas refletem diferentes tipos de preconceitos, tornando-se de extrema importância refletir mais, estudar mais, pesquisar mais sobre o preconceito nas escolas brasileiras.

4 | CONCLUSÃO

Nos últimos anos tanto a academia como a mídia tem dado atenção às questões

relacionadas ao bullying. Mas, isto não garante uma contribuição teórica consistente, já que, mesmo os aspectos básicos, como a definição do fenômeno não é unânime entre os pesquisadores (OLWEUS, 2013). Os resultados desta dissertação, relacionados à identificação dos motivos associados ao bullying entre os estudantes, evidenciam que o bullying é uma experiência muito comum na vida dos jovens. Essa discussão tem importância mundial, pois contribui para o desenvolvimento de outras práticas e pesquisas.

O presente artigo mostra, através de seus resultados, uma possível explicação para a existência do bullying. Tal razão é a não aceitação das diferenças entre os indivíduos, como Olweus (1993) já dizia que o bullying ocorre mais por ser algo necessário para o agressor em buscar diferenças no outro, do que por elas mesmas. Assim, esperamos contribuir para o melhor entendimento do fenômeno, de maneira que possamos pensar em estratégias de intervenção ou políticas educacionais que combatam a violência escolar e a exclusão social dos jovens.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, D. C. **Razão instrumental e preconceito: reflexões sobre bullying**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.
- BANDEIRA, C. M., & Hutz, C. S. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, 2010, v.14, n.1, p. 131-138.
- BARRETO, L. X. **Bullying contra gordos: uma análise a partir do preconceito**. Dissertação de mestrado não-publicada. Universidade de Fortaleza, Ceará, 2017.
- CATINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Tese de doutorado não-publicada. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2004.
- FU, Q., LAND, K. C., & LAMB, V. L. Bullying victimization, socioeconomic status and behavioral characteristics of 12th graders in the United States, 1989 to 2009: repetitive trends and persistent risk differentials. **Child indicators research**, 2013, v.6 n. 1, p. 1-21.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012)**. Rio de Janeiro (RJ): IBGE; 2013, p. 256. Relatório.
- JONAS J., WALLISON T., ARAÚJO L., SOUSA G., & CALIXTO A. O bullying na educação física escolar. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. 2014, p. 120-129.
- LOPES NETO, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, 2005, v. 81, n. 5, p.164-172.
- OLIVEIRA, W. A., SILVA, M. A. I., MELLO, F. C. M., PORTO, D. L., YOSHINAGA, A. C. M., & MALTA, D. C. Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 2015, v. 23, n. 2, p. 275-282.
- OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. London, Blackwell. 1993.

OLWEUS, D. **School bullying: development and some important challenges.** Rev. Clin. Psychol., 2013, v. 9, n. 1, p. 751-80.

PEREIRA, B. O., & ESTRELA, M. T. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Porto, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SANTOS, J. A. D., CABRAL-XAVIER, A. F., PAIVA, S. M., & LEITE-CAVALCANTI, A. The prevalence and types of bullying in 13 to 17 year-old Brazilian schoolchildren. **Revista de salud publica**, 2014, v. 16, n. 2, p. 173-183.

THORNBERG, R., & KNUTSEN, S. Teenagers' explanations of bullying. **Child & Youth Care Forum**, 2011, v. 40, n. 3, p. 177-192.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-230-2

